



Gonzalo Cruz Andreotti y Francisco Machuca Prieto (2022)
***Etnicidad, identidad y barbarie en el mundo antiguo.* Madrid:**
Síntesis, 276p. ISBN: 9788413571508

Rafael da Costa Campos (Universidade Federal do Pampa)
rafaelcampos@unipampa.edu.br

Publicada em 2022 pela Editorial Síntesis, a obra *Etnicidad, identidad y barbarie en el mundo antiguo* de Gonzalo Cruz Andreotti e Francisco Machuca Prieto oferece uma contribuição de fôlego acerca dos estudos sobre etnicidade e identidade na antiguidade. Por meio de uma análise abrangente que traz à tona um entrelaçamento de debates contemporâneos e seus olhares sobre o *corpus* da tradição clássica, os autores se propõem a demonstrar como a construção dos conceitos de identidade étnica baseia-se em uma polissemia interpretativa quando confrontada com as fontes textuais e arqueológicas do mundo antigo. Naturalmente, essa percepção leva os autores a demonstrar ao longo do texto como a identidade étnica não é uma categoria fixa e imutável, mas um constructo social e histórico em constante transformação. Desse modo, ressalta-se não somente a importância de se compreender os conceitos e as maneiras como se depreendem no passado histórico, mas também refletir sobre os desdobramentos das questões identitárias na contemporaneidade. Igualmente, os autores trazem um debate sobre o estado da arte bastante útil e que oferece uma crítica às leituras essencialistas da identidade, bem como exploram os múltiplos fatores que moldaram as sociedades antigas.

No que diz respeito à estrutura, a obra está organizada em seis capítulos distribuídos em duas partes, precedidos por uma introdução e seguidos por uma conclusão. A introdução apresenta o propósito do livro como uma contribuição aos debates historiográficos recentes. A primeira parte, composta pelos dois primeiros capítulos, discute os fundamentos teóricos dos conceitos de identidade

e etnicidade. A segunda parte, formada pelos capítulos restantes, explora as aplicações desses conceitos no mundo antigo, com foco nas sociedades grega e romana.

Assim, o primeiro capítulo desenvolve a compreensão do conceito de identidade sob a perspectiva desconstrutivista (*sous rature*) de Jacques Derrida, ressaltando ao leitor que qualquer tentativa de defini-la está sujeita a ambiguidades e contingências históricas. Por conseguinte, recorre-se como contraponto às teorias de Pierre Bourdieu, Eric Hobsbawm e Benedict Anderson para demonstrar que as definições de identidade são derivadas de construções sociais e que a etnicidade é um conceito fluído que possui mais determinações políticas do que biológicas. Nesse sentido, os autores asseveram que é necessário que o debate sobre identidade e etnicidade seja abordado crítica e contextualizadamente, de modo a afastar interpretações anacrônicas do passado histórico.

O segundo capítulo traz à tona o conceito de etnicidade e os processos de etnogênese. São apresentados diferentes modelos interpretativos, como o primordialismo, o instrumentalismo e o construtivismo. Os autores adotam uma abordagem que privilegia o construtivismo, ressaltando que a identidade étnica é uma construção social condicionada por fatores históricos, econômicos e políticos. A ênfase na etnicidade como um fenômeno dinâmico permite uma melhor compreensão dos mecanismos de exclusão e integração ao longo da história antiga.

O terceiro capítulo busca examinar como os *corpora* de ambas as sociedades trazem indícios representativos da etnicidade, em que a geografia e a arqueologia desempenham um papel primordial na recomposição documental para a identificação das comunidades étnicas. O argumento central consiste na observação de como os autores antigos que se dedicaram aos tratados geográficos categorizam estrangeiros, não raramente ratificando estereótipos que corroboram o expansionismo territorial. Nesse escopo, a abordagem crítica dos discursos de alteridade presentes nas fontes é determinante, pois refletem interesses políticos e específicos de seus agentes sociais e camadas dirigentes que reverberam textualmente as percepções acerca dos outros grupos sociais fora de seus limites territoriais.

O quarto capítulo tem como premissa analisar a pluralidade inerente ao helenismo e a maneira como diferentes grupos étnicos adotaram elementos de uma macrocultura grega seletivamente. Os autores elencam um conjunto de exemplos regionais que evidenciam diferentes dinâmicas de contato cultural e apropriação seletiva de componentes culturais helênicos. Já o quinto capítulo trata do conceito e processo de romanização, de imediato problematizando a ideia de uma identidade cultural romana homogênea. Sabemos que já existe um amplo debate de pelo menos quatro décadas a respeito da falibilidade de uma ideia estanque de romanização e sua direta associação aos discursos imperialistas e expansionistas das potências capitalistas do século XIX e primeira metade do século XX. Nesta obra, os autores propõem uma revisão analítica bastante útil nesse sentido, destacando que “ser romano” e “tornar-se romano” eram processos distintos e variáveis, dependendo do contexto histórico e das relações de poder envolvidas. Consequentemente, a crítica ao conceito tradicional de romanização é um dos pontos altos do livro, pois desafia noções simplistas sobre a assimilação cultural e enfatiza a agência dos povos dominados.

Por fim, o sexto capítulo aborda a construção da ideia de “barbárie” na antiguidade e demonstra como a cristalizada oposição entre “nós e eles”, “civilização e barbárie” e a (des)configuração do “outro” foi encetada para legitimar a dominação grega e romana sobre os demais povos. Para tanto, são evidenciados exemplos específicos, como a relação dos gregos com os povos cita, persa e egípcio, o que aponta para uma variedade de representações dos últimos conforme o espírito da época e os discursos expansionistas reverberados nas fontes literárias. Assim, essas narrativas da tradição greco-romana nos mostram como tais categorias eram flexíveis e serviam a propósitos ideologicamente variados.

Em linhas gerais, a obra desponta por sua qualidade na clareza expositiva e pela capacidade dos autores de articular uma sólida revisão bibliográfica e análise empírica de maneira acessível e objetiva. Embora trate-se de um livro dedicado a um tema essencialmente acadêmico e com foco na cátedra, ele pode ser considerado uma ferramenta bastante adequada para debates entre estudantes e pesquisadores interessados no tema em diversos níveis. É importante destacar também que os autores evitam essencialismos e

reiteradamente destacam a dinamicidade na construção das identidades, bem como nos permitem uma compreensão satisfatória das identidades étnicas no mundo antigo ao elencar exemplos vindos de diversas fontes literárias e arqueológicas. Este último aspecto é evidente no debate sobre romanização, diante do questionamento da visão tradicional de assimilação unidirecional dos povos sujeitos à presença de gregos e romanos.

Um aspecto que poderia ser enriquecido, contudo, diz respeito a um balanço desequilibrado na profundidade da análise literária em relação à análise arqueológica, sobretudo em relação à epigrafia, papirologia e numismática. Igualmente, ao concentrar-se em exemplos de regiões específicas do antigo Mediterrâneo, várias outras porções dessa região e o próprio Oriente Próximo foram excluídos da análise. Todavia, é compreensível que o acréscimo desse outro conteúdo não é uma tarefa simples e tampouco de pequena dimensão.

Em nossas considerações finais, podemos afirmar que a obra é uma contribuição significativa para os estudos sobre etnicidade e identidade na antiguidade. Os autores se propõem, com êxito, a relacionar uma ampla revisão teórica com análise empírica que traz uma abordagem bastante útil para historiadores e arqueólogos. Além disso, sua discussão sobre os usos contemporâneos das identidades antigas destaca sua relevância para o debate acadêmico atual. As lacunas de investigação não invalidam a obra – em verdade, são indicadoras de possibilidades futuras –, que pode ser indicada como uma leitura valiosa para pesquisadores e estudantes que desejam se apropriar do debate sobre a configuração de identidades étnicas no mundo antigo e suas reverberações na historiografia moderna.

Data de publicação: 07/11/2025